

O fracasso da Sociologia

RESUMO

Com pouco mais de cem anos de existência, a Sociologia enfrenta uma crise de grandes proporções. Por quê? Quais as saídas? Na contramão das teorias aceitas, um ensaio sem concessões.

ABSTRACT

This article discusses the current crisis of Sociology, trying to think a way out of that situation, without attempting to compromise with established theories.

APESAR DOS GRITOS INDIGNADOS de certos sociólogos, logo depois da publicação de um artigo de Henry-Pierre Jeudy, no jornal *Le Monde*, intitulado “As ciências sociais em decadência”,¹ mesmo sem concordar com todas as suas críticas, deve-se admitir que, em inúmeros pontos, ele está certo: com pouco mais de cem anos, a Sociologia começa a ser atingida pela senilidade. Apesar da voga quantitativista – também o número de sociólogos multiplica-se excessivamente, assim como o de estudantes – a disciplina atravessa uma crise sem precedentes.²

Jeudy destaca a imprecisão das fronteiras profissionais e a falta de rigor metodológico como razões dessa crise. Porém, mais grave é o fato de que a Sociologia nada mais tem de válido a oferecer, a não ser um triste espetáculo da sua própria condição, como mostram as altas taxas de reprovação nas faculdades francesas e o relativo desinteresse dos estudantes pelas grandes conferências, deixando os auditórios vazios. Se alguns sociólogos ainda tapam o sol com a peneira, outros inquietam-se, justamente, com o futuro e denunciam a gravidade do momento.

Basta uma rápida olhada nas prateleiras de Sociologia das grandes livrarias de uma cidade como Paris para que o observador sinta rapidamente vergonha em dividir o mesmo campo profissional com autores caça-níqueis, em busca de sucesso fácil e de vendas a qualquer preço. A sociologia, em sua forma edulcorada, mais rentável, tornou-se a ante-sala dos jornalistas em busca de novas sensações, transformados em sociólogos de última hora. Todo mundo, apesar da falta de legitimidade acadêmica, pratica a sociologia espontânea e obtém o rótulo falacioso de *expert*.

A Sociologia não escapa à concorrência, atingida violentamente pela síndrome da visibilidade, a mesma que dá mais poder às pessoas já visíveis na mídia. Assim, a influência dos poderosos torna-se ainda

Bertrand Ricard

Doutor em Sociologia pela Sorbonne/Paris V
Membro do Grupo de Pesquisa sobre as Novas Identificações (GREDIN) e associado ao Núcleo de Tecnologias do Imaginário (NTI-FAMECOS/PUCRS)

mais poderosa.³ Isso só faz aumentar a imprecisão artística que domina a disciplina sociológica. Em termos de livrarias, seria tempo de adotar a prática canadense: um espaço para a Sociologia verdadeira e outro para as imposturas. Chegou a hora de pôr ordem na casa e de restabelecer o famoso “corte epistemológico” presente na formação de cada sociólogo.

Ora, os sociólogos não assustam nem incomodam mais ninguém. Ao contrário, são convidados para o banquete da mídia. Cabe-lhes legitimar, pela “cientificidade” de que são supostamente detentores, a opinião pública, sempre disposta a ouvir a mensagem esclarecida dos “grandes especialistas”, sobre as questões mais candentes, como a violência urbana ou o suicídio de adolescentes.⁴ Definitivamente, a Sociologia passou para o lado do espetáculo e confirmou as mais sombrias previsões de Guy Débord.⁵

Convidados para programas de televisão e submetidos às questões dos jornalistas, os quais dão, com frequência as cartas, apesar da falta de condições, os sociólogos fornecem a sopa cotidiana ao público ansioso pela dose diária, politicamente correta, de exclusão, de conflitos, de desencanto, etc. Tudo isso sem qualquer aprofundamento nas explicações necessárias à compreensão de fenômenos tão complexos e difíceis de interpretar. Aparece então o desgosto, uma bola atravessada na garganta, uma vontade de engolir o diploma de doutorado.

Como pôde a Sociologia cair tanto? Como pôde perder toda a validade heurística? Como pôde afastar-se tanto da deontologia profissional?

Ao distanciar-se voluntariamente da vida, em certa época, a Sociologia, em certos casos, não consegue mais reencontrá-la ou, então, recebe-a de volta, em pleno rosto, sob os aspectos mais prosaicos. A origem desse mal-estar reside numa incoerência metodológica. Ao querer, a qualquer custo, defender e impor, contra tudo e todos, o primado da estatística, os sociólogos viram o principal instrumento metodológi-

co de que dispunham explorado e aperfeiçoado por outros. De tal forma que não se consegue mais diferenciar, quanto a isso, um sociólogo de um economista.

Desde então, a estatística não somente demonstrou a sua aporia, sem falar em manipulação de dados de todos os gêneros, mas sobretudo a população adaptou-se às sondagens e passou a falsear regularmente, para seu grande prazer, os resultados das pesquisas. Cada nova eleição serve de prova disso; a população induz a previsões erradas e diverte-se deturpando as esperanças dos institutos de pesquisa. A opinião pública diz o que os institutos gostariam de ouvir e guarda para si os seus segredos. As pessoas respondem aos pesquisadores o que sentem ser o desejo destes. Assim se estabelece um falso politicamente correto. Tecnicamente, portanto, o que constituía o corte epistemológico das ciências sociais enfrenta a decomposição; a Sociologia não se mostra melhor do que ninguém.

O flerte de alguns sociólogos com o poder instituído, comportando-se como “príncipes”, só acrescentou uma camada ao mal-estar dominante na profissão. Basta ver o número de sociólogos mercenários oferecendo-se à empresa que pagar mais. O sociólogo ou, antes, o “consultor”, com honorários exorbitantes, não dá mais seus conselhos aos príncipes, mas somente aos que ainda acreditam nos seus diagnósticos dignos de Diafoirus.

A Sociologia não critica mais as instituições, nem tenta evitar o conluio com o político. Ao contrário, participa implicitamente da ajuda na administração da crise e chega até mesmo a mancomunar-se com o Estado para melhor justificar-lhe as ações ou, melhor, a inação. A Sociologia legitima a impotência estatal diante dos grandes problemas sociais, tornando-se uma vaga “sociologia”, um discurso social que se pretende próximo e adaptado ao trabalho social. Evidentemente, não é nada disso, tanto a realidade supera, com frequência, a ficção.

De tanto querer manter um lance de vantagem sobre o real, certos sociólogos ca-

íram no profetismo de mau gosto ou, pior ainda, limitaram-se a bancar as Cassandra, anunciando ao mundo o destino fatal da partida em andamento. Para camuflar à incapacidade de compreender o real, esses aprendizes de feiticeiro refugiam-se atrás de um hipotético perigo que ameaça a todos, o que impossibilita qualquer análise séria. Tendo fracassado no seu objetivo de influir no rumo das coisas, a Sociologia não quer nem pode admitir que errou. Em função disso, perde credibilidade.

O caráter demiúrgico da Sociologia não têm mais nem sequer a ambição de propor um projeto de vida melhor. Prefere a função de pílula do dia seguinte e tenta apagar os sinais vermelhos que se acendem por toda parte. Simples “bombeiros” do social, atribuindo virtudes mágicas aos atos mais banais, os sociólogos só conseguiram dessacralizar a Sociologia, condição, de resto, que esta nunca deveria ter alcançado. Vestidos com roupas e investidos de papéis que não lhes pertencem, os sociólogos esqueceram a regra estabelecida outrora por Michel Foucault, “fazer um trabalho em comum e des-disciplinar”, para melhor compreender, e somente depois agir.⁶

A incapacidade dos sociólogos para captar a realidade de hoje, com suas diversas modulações, explica-se em parte pela constituição de igrejazinhas que, tomando-se por Igrejas detentoras da verdade, na qual ninguém mais crê, não passam de seitas rivais e opostas em tudo. A sociologia como ciência desapareceu atrás dos homens que mais bem a representam. De um lado, os modernos não querem ver a parte “não-lógica”, “não-racional”, “incontrolada” de cada sociedade. De outro, os pós-modernos, de tanto fazer a apologia do presente, recusando-se a denunciar os males desta época, com medo de cair no moralismo mais baixo, maravilham-se, arriscando-se a tornarem-se reacionários, como os antropólogos de outrora nas colônias.

Guy Débord ganhou em todas as frentes. Os sociólogos acham-se encurralados entre a denúncia da “sociedade do espetá-

culo” e o “espetáculo da sociedade” (7). O problema teórico da sociologia atual consiste em que todas as tendências têm razão, mas parcialmente. Quem pode legitimamente dizer que Pierre Bourdieu está errado quando denuncia, sob toda as formas, as discriminações e as dominações ainda em vigor no fim do século XX?⁸ Quem pode contestar os pós-modernos quanto estes demonstram, bem ou mal, que as sociedades mantêm-se coesas e, apesar da crise, subsiste uma forma hedonista ao mesmo tempo individualista e tribal de vínculo social?⁹

Quem pode, de boa vontade, recusar certa verdade aos painéis, de nossa sociedade decadente, apresentados por Jean Baudrillard?¹⁰ Mas, eis o problema, cada um mergulha nas próprias certezas e recusa-se, em nome da teoria e dos homens ilustres que a enunciam, a olhar a parte de verdade contida no pensamento do outro. O ostracismo de Jean Baudrillard indica também a que ponto a sociedade e a Sociologia estão atreladas à lógica “funcional”. Mas, ao final, o real resiste e não se dobra à vontade de cada um.

Ao ocultar a singularidade do real em nome da teoria, faz-se o jogo perverso e absconso do “até agora tudo vai bem”. Em lugar de refletir sobre soluções para tentar a maior aproximação possível dessa realidade que se esconde sob os nossos pés, cada um prefere entrar nas guerras de escola. De toda maneira, a situação atual da Sociologia reflete de forma microcômica a situação social. Experimenta-se o avanço da ultraespecialização e de campos cada vez mais limitados, a léguas da necessidade de abertura sistêmica evidenciada por Edgar Morin em *O Método*.¹¹ A Sociologia tornou-se um negócio de especialistas, detentores de saberes específicos ou locais, mais próxima da entomologia que da astrofísica. A cada um o seu campo; a ninguém a colheita.

A Sociologia fechou-se como uma ostra sobre o seu saber e não se questiona mais. Somente um choque frontal poderá mudar o curso da história. É tempo de os sociólogos colaborarem entre eles, inde-

pendentemente de escolas e de centros de pesquisa. É tempo de abertura a outras disciplinas. A ridícula desconfiança ensinada em relação a certas disciplinas, em especial a psicanálise e a psicologia, leva ao ceticismo e impede o contato, o que vai de encontro ao próprio interesse da Sociologia. Como negligenciar a leitura do Freud de *Mal-estar na civilização*¹² e de um Reich¹³ quando se quer compreender a sociedade?

Quem pode ainda duvidar que o homem é antes de tudo um ser bio-psico-social, um “homem plural”, acossado de todos os lados, tendo de enfrentar os efeitos conjugados de uma crise social, econômica e de identidade, sem falar da dificuldade em dominar antropologicamente uma vida social da qual ainda não se conhecem todas as conseqüência psíquicas e psicológicas.¹⁴

O caso Sokal e Bricmont, contrariamente ao que se poderia crer, não desferiu um golpe mortal contra a Sociologia, mas deu-lhe as armas necessárias para reconquistar o seu território.¹⁵ O plano de relançamento da Sociologia passa inevitavelmente, hoje, por um retorno obrigatório a uma certa forma de “positivismo” ou, ao menos, a um pensamento “positivo”. Por isso, apesar de todas as críticas que já sofreram, escritores como Michel Houellebecq e Maurice Dantec podem ser considerados como os melhores sociólogos deste final de século.¹⁶ Eles não são reacionários, embora descrevam uma sociedade que talvez o seja.

Inovadores, Dantec e Houellebecq não hesitam, enquanto ficcionistas, a ultrapassar as separações entre literatura, ciências naturais, ciências humanas, ciências duras, idealismo e pessimismo. Livres da ambição da qual fala Jeudy, de serem terapeutas do social, dedicam-se a transformar a teoria, a ultrapassá-la sem esbarrar nas barreiras ideológicas que impedem de descrever isto ou aquilo. Tentam, como Proust ou Musil fizeram com o homem moderno, transcrever simbólica, sociológica ou psicologicamente as conseqüências da pós-modernidade, ou da modernidade tardia, que,

goste-se ou não, agita-se sob os nossos olhos.

Para salvar a Sociologia será preciso refletir sobre o sentido dos estudos em voga. Todos os debates devem ser retomados. Não se pode deixar à filosofia vulgar o primado de certas discussões de valor. Na situação atual, digladiam-se um tribalismo selvagem e um individualismo extremado, emblemas de guerras intestinas e estéreis. Para transformar, de maneira positiva, a sociedade, que bem o necessita, deve-se começar por transformar os métodos de trabalho. Voltar às leituras de base, para tentar saber o que o passado pode ensinar sobre o presente, é uma obrigação.

Ler sem ter que necessariamente “conceitualizar”, entregando-se à riqueza da pesquisa de campo, adiando, por vezes, a pretensão transformadora, eis um projeto fundamental. Em contrário, outros serão “califa no lugar do califa” ou, simplesmente, sociólogos em nosso lugar ■

Notas

- 1 *Le Monde* de 9 de fevereiro de 1999.
- 2 Ver ARESER, *Quelques diagnostics et remèdes urgents pour une université en péril*, Paris, Raisons d’agir, Liber, 1997.
- 3 Ver Serge Halimi, *Les nouveaux chiens de garde*, Paris, Raisons d’agir, Liber, 1997.
- 4 Ver Patrick Champagne, *la vision médiatique*, in Pierre Bourdieu, *La misère du monde*, pp.95-123, Paris, Points Seuil, 1993.
- 5 Ver de Guy Debord, *La société du spectacle*, Paris, Gallimard, 1992.
- 6 O tomo 4 de *Dits et écrits*, de Michel Foucault, Gallimard, Paris, 1994, tem muitos textos com essa orientação metodológica.
- 7 Op. cit., 1967.
- 8 Ver Pierre Bourdieu, *Contre-feux*, Paris, Raisons d’agir, Liber, 1998.

-
- 9 Ver de Michel Maffesoli, *Le temps des tribus*, Paris, le livre de poche, 1991.
 - 10 Especialmente nos livros posteriores a 1984.
 - 11 Edgar Morin, *La méthode*, 4 volumes, Paris, Points Seuil (tomos 3 e 4 Porto Alegre, Sulina, 1998 e 1999).
 - 12 Sigmund Freud, *Malaise dans la civilisation*, Paris, PUF, Bibliothèque de psychanalyse, 1971.
 - 13 Ver sobre Wilhelm Reich, o livro de Roger Dadoun, *Des fleurs pour Wilhelm Reich*, Paris, Payot, 1998.
 - 14 Ver de Bernard Lahire, *L'homme pluriel*, Paris, Nathan, 1998.
 - 15 Ver de Jean Bricmont e de Alan Sokal, *Impostures intellectuelles*, Paris, Odile Jacob, 1997.
 - 16 Ver de Michel Houellebecq, *Les particules élémentaires*, Flammarion, Paris, 1998 (Porto Alegre, Sulina, 1999) e de Maurice. G. Dantec, *Babylon babies*, Paris, Gallimard, La noire, 1999.